

VEJA COMO ANDO GREGO, MEU AMIGO: O CORPO E A ARTE NA CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS

Maria Helena Werneck*

RESUMO

Análise de cartas de Machado de Assis enviadas a Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo, José Veríssimo e Joaquim Nabuco descrevendo a presença do “discurso dos cuidados de si” (M. Foucault) na correspondência machadiana. Nos textos selecionados, o escritor propõe a arte como remédio para o sofrimento e manifesta atenção determinada ao papel dos amigos na continuidade do legado da literatura.

Em carta enviada a Mário de Alencar,¹ em janeiro de 1908, Machado de Assis procura dar ânimo ao amigo que, após a morte de Carolina, havia se transformado em dedicado e filial companheiro do escritor. Mário estava afastado da cidade para tratar mais uma depressão, e Machado parece saber receitar o melhor remédio: repouso e arte.

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1908

Meu querido amigo.

A sua carta de 17 chegou-me ontem, 20, e só agora de manhã lhe respondo. Não cuidei que a causa da ausência destes dias fossem nervos; agora o sei e creio. Já nos habituou a esses sujeitos, maus inquilinos, que quando se metem a proprietários efetivos abusam desapidadamente da casa. Felizmente parece que estes vão cedendo; apesar disso, a sua resolução de obter descanso ou licença para se tratar de vez e seguida

* Professora do Departamento de Teoria do Teatro e do Programa de Pós-graduação em Teatro do Centro de Letras e Artes da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio).

¹ Mário de Alencar (1872-1925), filho de José de Alencar, escreveu poesia, romance, contos, ensaios e artigos para jornais. Fez carreira no serviço público como funcionário da Secretaria da Justiça e Negócios Interiores e diretor da Biblioteca da Câmara de Deputados. Sua amizade com Machado de Assis tem início em 1891 durante cerimônia de lançamento da pedra fundamental de monumento a J. Alencar, no Rio de Janeiro.

mente, é boa. Por mais que me custe a ausência, estimo saber que caminha para o total restabelecimento. Lá tem consigo, na família, o melhor viático do coração.

Tem ainda o do espírito, esse Prometeu que o atrai e para o qual toma notas e colige idéias. Sobre o verso solto, em que pretende fazê-lo, não pode ter senão os meus aplausos. Sabe como aprecio este verso nosso, que o gosto da rima tornou desusado; é o verso de Garret e de Gonçalves Dias, e ambos, aliás, sabiam rimar tão bem.

Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de ontem, meti-me a reler algumas páginas do Prometeu de Ésquilo, através de Leconte de Lisle; ontem entretive-me com o Phe-don de Platão, também de manhã; veja como ando grego, meu amigo. (...)

(...) De mim, vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original,² deixe-me chamar-lhe assim. Creio que Miguel Couto me trouxe a graça. (...)

Adeus meu querido amigo, recomende-me a D. Helena, a Mamãe e a todos os seus meninos. Creia-me sempre

Seu do coração

Machado de Assis (1985, p. 1.085)

À parte o gracejo das linhas bem humoradas, Machado de Assis anuncia na carta íntima a Mário de Alencar uma maneira de ser grego diferente daquela ditada pela moda do “helenismo decorativo” (apud Broca, 1975, p. 102), que circulava na vida literária brasileira do início do século, em decorrência de ecos do prestígio atribuído à Grécia pelos parnasianos. Além disso, parece querer esmaecer o empenho de Joaquim Nabuco, em atribuir-lhe nobre estirpe (“De mais, o ser mulato em nada afetava sua caracterização caucásica. Eu pelo menos vi nele o grego” (apud Broca, 1975, p. 102), calibrando por tabela o panegírico de Graça Aranha em discurso de dia de posse na Academia Brasileira de Letras, quando o escritor é nomeado “um helênico no meio dos bárbaros que deslumbras”. (Magalhães Jr., 1981, p. 232)

Lidos por Machado de Assis, a poucos meses do fim da vida, a tragédia de Ésquilo e o clássico de Platão não só apontam para a circunstância da biografia do escritor, em que a fragilidade física torna-se incontornável, embora não consiga abalar inteiramente seu interesse pelas atividades da vida literária, mas também indicam a possibilidade de serem tomados como textos-síntese de figuras ou temas recorrentes da correspondência machadiana: a vontade de inteligência aprisionada num corpo em sofrimento, a perseverança com que oferece o fogo das artes literárias aos jovens e aos companheiros de geração.³ E nesse sentido, a troca de cartas dramatiza o esforço do escritor em preservar a idéia de imortalidade na criação, lugar onde se instala o princípio do *athánatos*.

² Machado refere-se desta forma às crises de epilepsia.

³ Em seguidas cartas a Mário de Alencar, Machado insiste para que o amigo continue trabalhando no poema sobre Prometeu. A figura mitológica encarna a esperança de que a vontade intelectual – saber mais e criar – supere a perspectiva da morte: “Recomende-me também ao velho Prometeu, a quem dirá que o espero inteiro e humano, ainda que em outra língua; todas são cabais para o suplício. Em duas palavras, busque o remédio na Arte. (...)”; “(...) Veja se exclui todo presente, passado e futuro e fixe um só tempo que compreenda os três: *Prometeu*. A arte é o remédio e o melhor deles”. (Assis, 1985, p. 1.087)

Analisando o mesmo **Phedon** lido por Machado, Gadamer explica que a alma, enquanto princípio vital, está necessariamente associada com uma idéia – a vida – incompatível, portanto, com a morte. Tal associação entre os conceitos de alma e de vida não teria sido bem compreendida pelos intérpretes do texto, embora seja convincente para os interlocutores de Sócrates e para os leitores de Platão. Gadamer retifica: “si, es cierto, la idea del alma, en cuanto está asociada con la vida, es incompatible con la idea de la muerte, es decir, el alma es la vida misma y, por consiguiente, está claro que *és athánatos*” (Gadamer, 1993, p. 62). O corpo, que resiste à enfermidade e não se deixa perturbar por ela, preserva e multiplica a vida, mantendo dessa forma intocados os acessos à sabedoria e a preocupação com a permanência do que a arte produz como legado – mais vida.

As imagens do sofrimento e do legado, concentradas na figura de Prometeu, aparecem como recorrência em poema, em crônica e em conto de Machado de Assis. O poema “O desfecho”, do livro **Ocidentais** (1879), concentra-se na imagem final de Prometeu, quando se interrompe o ciclo diário de condenação ao sofrimento físico:

*Prometeu sacudiu os braços manietados
E súplice pediu a eterna compaixão,
Ao ver o desfilar dos séculos que vão
Pausadamente, como um dobre de finados.*

*Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilião,
Uns cingidos de luz, outros ensangüentados...
Súbito, sacudindo as asas do tufão,
Fita-lhe a águia em cima os olhos espantados.*

*Pela primeira vez a víscera do herói,
Que a imensa ave do céu perpetuamente rói,
Deixou de renascer às raivas que a consomem.*

*Uma invisível mão, as cadeias dilui;
Frio, inerte, ao abismo um corpo rui;
Acabara o suplício e acabara o homem.*

(Assis, 1985, p. 152)

Duas décadas depois, ao retornar ao mito que, segundo Eugênio Gomes (1985, p. 1.100), era um tema de eleição da poesia do tempo, a seriedade trágica adquire tons de serena esperança na resistência vital da obra oferecida aos homens. A crônica, de 1892, comenta o papel principal que coube a Tiradentes na história da Inconfidência, enquanto aos demais conjurados restou apenas a função de atuar no coro “igual ao das Oceânides diante de Prometeu encadeado”. Para que o público entenda a comparação, o cronista recomenda e, ao final, explica:

(...) Relede Ésquilo, amigo leitor, escutai a linguagem compassiva das ninfas, escutai os gritos terríveis quando o grande titão é envolvido na conflagração geral das cousas.

Mas, principalmente, ouvi as palavras de Prometeu narrando os seus crimes às ninfas amadas: “Dei o fogo aos homens; esse mestre lhes ensinará todas as artes”. Foi o que nos fez Tiradentes. (Assis, 1985, p. 533)

No belo conto “Viver!”, de **Várias Histórias** (1895), parece adiantar-se, no diálogo de Prometeu com Ahasverus, a conversa que Machado travará anos mais tarde com Mário de Alencar. No conto, Prometeu, à morte, convence Ahasverus a desatar os grilhões que o prendem à rocha em troca de uma vida nova e plena. No lugar da maldita errância e do “fastio da existência”, um novo percurso que inclui a disposição de não abdicar da sensação de vida e não deixar de sonhar com ela. Os dois condenados, um a padecer, outro a caminhar e ver o padecimento dos homens até o fim dos tempos, firmam um novo pacto entre o mundo passageiro e o mundo eterno, o pacto da vida. O comentário das águias, no final do conto, resume o paradoxo do mito prometeico:

Uma águia. — Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida. A outra. — Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito. (Assis, 1985, p. 569)

Além dos motivos que circulam em torno do mito, Machado de Assis atualiza na sua produção epistolar inesperados traços do individualismo grego. Entre os anos 1890 e 1908, uma parcela da correspondência machadiana, embora não contenha propriamente confidências e desabafos nem constitua espaço de polêmica ou posições afirmativas, apresenta de modo progressivo e suave, sem rasgos trágicos, semelhanças com uma formação discursiva – a “cultura de si” – cuja gênese e desenvolvimento foi estudada por Michel Foucault em textos de Platão e nos escritos de epicuristas e estóicos, principalmente na correspondência de Sêneca com Lucilius. (Foucault, 1985, p. 43-73)

Como auto-retratos em baixo relevo, desenvolve-se, progressivamente, na produção epistolar, uma escrita da relação de cuidados de Machado consigo mesmo. Não se trata de uma escrita autobiográfica, no sentido de que esta vai constituindo, à medida que avança, uma identidade com força unitária. Na correspondência machadiana, aplicar-se a si, ainda que pressuponha um movimento de retirar-se, de isolar-se do convívio, indicando um trabalho de *anacorese* forçado pela condição física debilitada, que traz o foco da atenção para o próprio corpo, não deixa de incluir o movimento de aplicar-se ao interlocutor.⁴ Assim, podem-se ler cartas trocadas entre o escritor e intelectuais renomados ou jovens literatos como elas são concebidas na prática epistolar de Sêneca: escrita “onde se expõe o estado da própria alma, solicita-

⁴ O crítico Augusto Meyer assim resume sua avaliação sobre a correspondência e o último romance de Machado de Assis: “(...) Não há nada para dar a impressão do vazio, vazio terrível da vida e da morte, como as últimas cartas ou o *Memorial*. E que revelação esse crepúsculo, momento em que as verdadeiras questões do espírito aparecem – no fundo, ele foi sempre assim, toda a vida: um doente na penumbra, uma sombra falando, dentro da grande sombra do mundo, para ao menos ouvir o eco das suas palavras” (Meyer, 1958, p. 83). A nossa leitura das cartas diverge, como se verá, desta apreciação do renomado machadiano.

se conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita, mas que apresenta um retorno de benefícios para quem se apresenta como o mais experiente. Quem escreve a outrem acaba reatualizando para si próprio as palavras enviadas”. (Foucault, 1985, p. 57)

Equilibram-se, assim, sutilmente, a atenção consigo mesmo e a prática de devoção ao outro, que Machado admirara nas cartas enviadas da Polônia por Henriqueta Renan ao irmão. Em ensaio publicado em **Páginas recolhidas** (Cf. Assis, 1985, II vol., p. 628), o escritor ressalta a beleza das “cartas íntimas, medrosas de aparecer, receosas de violação” e que “desde logo revelam a força do afeto e a gravidade do espírito”. Apesar de fortemente melancólica, a mulher que vive em país estrangeiro, onde encontra, como preceptora, ganhos mais proveitosos do que na França, “não se contenta em gemer, a queixa não parece que seja a sua voz natural. Aconselha ao irmão que lute e que conte com ela para ajudá-lo. Exorta-o a ser homem”. Exatamente aí Machado de Assis encontra a verdadeira arte das cartas de Henriqueta, que se encontra na habilidade de colocar-se em fina sintonia com o outro (“Mas então, como antes, como depois, a arte que emprega é tal que antes parece ir ao encontro dos novos sentimentos do irmão que sugerir-lhos”). Mesmo quando se dá esse silencioso e intenso diálogo, as cartas não deixam de ser “a sua própria alma”.

Também na correspondência de Machado de Assis, há um corpo que disfarça, através da ligação do trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem, a matéria prometeica de que é feito. O corpo, sujeito ao olhar alheio, amarelece como o papel, encarquilha, range e se róí, mas não se oferece em suplício. Ao contrário, revigora-se ao tornar-se visível no abatimento,⁵ ao narrar os cuidados de si. Livra-se a si e a seus interlocutores, tal como Prometeu ou Sócrates quiseram ensinar, do medo da morte.

Em setembro de 1895, Machado escreve a Carlos Magalhães de Azeredo,⁶ cuja atividade literária e carreira diplomática na Europa acompanha passo a passo.⁷

A carta que me mandou, e a que ora respondo, com algum atraso, trouxe algumas palavras de tristeza, que não fazem mal. As de desespero, porém, são muitas e afligem. Um pouco de melancolia ou muito que seja, traz inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas “essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime, e para tudo o inutiliza”, isso não pode ser senão doença, contra a qual mais vale a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre, também eu não sou, ainda

⁵ Parte-se aqui da hipótese de que haja uma parcela do epistolário machadiano que rompe com os a nota dominante de sua correspondência com os acadêmicos, em que leva a extremos “a discricção, tato diplomático e neutralidade”, como analisa R. Magalhães Júnior. (1981, v. 4, p. 149)

⁶ Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) é autor de 9 livros de poesia e artigos de crítica literária. Seguiu a carreira diplomática, tendo se estabelecido por muitos anos em Roma, na legação da Santa Sé. Sua correspondência com Machado de Assis tem início em 1889.

⁷ A amizade de Machado de Assis com os jovens Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar é reconstituída por Josué Montelo. In: Montelo, 1961.

que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio. Perdoa a banalidade do dito em favor da verdade eterna. (Virgílio, 1969, p. 59)

O que Machado propõe ao jovem poeta é a lenta aprendizagem da posse de si próprio, que requer cuidados com a alma, a satisfação das necessidades, as leituras, sem que se desprezem *a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor* (Foucault, 1985, p. 56). Progressivamente, o olhar que vem do correspondente cola-se à escrita do conselheiro, empurrando o olho de quem escreve para si próprio. Em fragmentos de longas cartas, remetidas ao amigo poeta em Roma, datadas de janeiro e de maio de 1898, a conversa sobre o bom uso da doença e do sofrimento prossegue. O corpo ameaçado coloca em risco a criação artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua soberania.

(...) Tenho um trabalho literário entre mãos; não sei se o darei pronto; isto lhe dirá o meu desânimo físico. Emagreci muito nos últimos meses. Mas, enfim, são cousas confiadas a um amigo sério e calado. (Foucault, 1985, p. 127)⁸

(...) neste ponto da minha jornada, não se podem fazer muitos nem longos projetos. Vai-se parando onde o cansaço pedir que se pare, e andando até onde consentir que se caminha. Vê que as próprias cartas já me saem riscadas e emendadas, além da letra, que já foi menos ruim. (Foucault, 1985, p. 148)

Na relação com seus correspondentes,⁹ o escritor Machado de Assis amadurece formas de se posicionar em relação a si mesmo e se manifestar em relação aos outros. Michel Foucault, analisando as cartas de Sêneca, descreve esse efeito de presentificação: “A carta torna o escritor ‘presente’ em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física”. Na citação que exemplifica a sentença, Sêneca compara os retratos dos amigos ausentes com as cartas, sustentando que a carta carrega marcas vivas da ausência. O traço de uma mão amiga facilita o reencontro e torna-se a impressão autêntica de sua pessoa (Foucault, 1994, p. 425). Foucault leva mais longe o efeito: “a carta funciona como um olhar que se poussa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos”. (Foucault, 1994, p. 425)

Escrevendo a Joaquim Nabuco,¹⁰ de 24 de março de 1902, Machado de As-

⁸ O trabalho literário a que se refere pode ser *Dom Casmurro* ou *Páginas recolhidas*.

⁹ Os principais correspondentes de Machado de Assis foram Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo.

¹⁰ Joaquim Nabuco (1849-1910), filho do senador José Tomas Nabuco de Araújo, influente político do Império, dividiu-se entre brilhante carreira diplomática, a política e o jornalismo. Projetou-se no cenário intelectual

sis trata de candidaturas à Academia, presta esclarecimentos ao aliado de todas as articulações políticas já iniciadas e fecha a carta com a cortesia e a desculpa. Ao mesmo tempo que carrega para perto de si o olhar do amigo distante, leva até ele uma prova de sua própria convivência com os limites do envelhecimento:

(...) Adeus, meu caro Nabuco. Vá desculpando esta letra de velho, não tão velho, que não possa ainda aplaudir os seus bons e grandes serviços à Arte e ao País. Muitas lembranças ao Graça Aranha. (Assis, 1985, p. 1.006)

De Nova Friburgo, onde passa temporada com Carolina, na esperança do restabelecimento da mulher enfraquecida pela doença, Machado não se deixa distanciar de José Veríssimo,¹¹ a quem escreve semanalmente:

Nova Friburgo, 31 jan. 1904.

Meu caro Veríssimo

A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me deixou de cama alguns dias. A inflamação da garganta que a acompanhou é que não me deixou de todo, e ainda agora uso de um gargarejo, ao qual não sei que nome dê, mas que produz efeito. Veja o que são as coisas deste mundo. Entrei com saúde em cidade, onde outros vem convalescer de moléstia, e apanhei uma moléstia. Imagine-me um pouco mais magro e cheio de saudades.

Receba já a parte destas que lhe pertence, e com ele receba a explicação do meu silêncio. Releve-me se não vou mais longe. Agradeço-lhe a nova coleção do Temps que me chegou agora. Concordo com as impressões que me confessa acerca da localidade, e se do meu carolismo não me desconceitue; diga que foi defluxo apanhado depois de chegar. Vá desculpando estes rabiscos. Não ponho mais na carta para que ela chegue à mala que vai partir. Faz-me aqui a eleição em boa paz. Adeus. Reli a carta, é tudo um embrulho, mas prefiro mandá-la assim mesmo a não lhe dizer linha.

Um abraço mais do

Velho amigo

M. de Assis

A emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro. Signos de um

brasileiro através da polêmica travada com o escritor José de Alencar nas páginas de *O Globo* em 1875. Participou, junto com Machado de Assis, José Veríssimo e Lúcio de Mendonça, do grupo fundador da ABL, instituição na qual exerceu decisiva influência política. Escreveu *Um estadista do Império*, biografia de seu pai, e *Minha formação*, obra memorialística, além de livros de poesia em francês e antologia de discursos. A correspondência com Machado é analisada por Graça Aranha em *Aranha*, 1923.

¹¹ José Veríssimo (1857-1916), crítico literário e ensaísta paraense, transfere-se para o Rio de Janeiro em 1891, quando inicia intensa atividade jornalística no *Jornal do Brasil*, que se estenderá a outros periódicos como o *Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã* e a *Revista Kosmos*. Em 1895 assume a direção e a editoria da *Revista Brasileira*. Participa do grupo fundador da ABL. É um dos principais críticos da obra de Machado de Assis e da geração de romancistas naturalistas brasileiros.

processo de “tomar a si como objeto de conhecimento e campo de ação” (Foucault, 1985, p. 48), em que a austeridade, aliada a uma crescente intimidade com os limites do corpo, produz o domínio de si.

Um diário de doenças, que começa a se esboçar na carta a Veríssimo transcrita acima, ganha destaque na correspondência com Mário de Alencar¹² após a polêmica eleição do filho do nosso grande escritor para a Academia, episódio de 1906, em que Machado utilizou todo o seu prestígio para proteger o autor de dois magros livros de versos (Magalhães Jr., 1981, p. 229).¹³ A seqüência de cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda.

Enquanto Mário de Alencar, depressivo, começa uma série de estadas fora da cidade, Machado continua mergulhado na rotina de afazeres burocráticos e na política da Academia. No entanto, também há por parte do escritor um esfriamento na temperatura do sujeito de ação, garantindo que a correspondência mantenha-se como *écriture du rapport à soi* (Magalhães Jr., 1981, p. 427), restrita às variações de estados da alma e do corpo e às atividades do cotidiano. Assim, enquanto Mário de Alencar passeia nos altos da Tijuca, fazendo todos os esforços possíveis para esquecer-se (*apud* Magalhães Jr., 1981, p. 277), as cartas que Machado escreve para o amigo recolocam o sujeito no seu lugar, apenas ocupado de si mesmo, fazendo estancar o tempo:

RJ, 7 de março de 1907.

Meu querido amigo.

Pela sua carta vejo que está passando bem, melhor que na cidade. Viva a paisagem e as suas vozes e vistas que também são médicos e remédios certos e capazes. A sua descrição me faz lembrar a que daí fez seu glorioso pai. (...) Conto que seus nervos se aquietem e passem a obedecer como já fazem.

Esta resposta vai demorada, porque a sua carta veio apanhar-me com um princípio de gripe que continua; trouxe-me o corpo amolentado, além de outros fenômenos característicos, como a falta de apetite, amargor de boca e recrudescimento do coriza. Um hospital, meu querido! Há três noites não saio de casa. Em plena gripe tinha passado duas delas num jardim vizinho, sentado, apanhando sereno. Enfim, parece-me que melhorei, não sei; enquanto não me deixarem sair de noite, não posso ir como quisera à Rua de Olinda. (...)

(...) Adeus, meu querido. Quisera falar-lhe bastante, mas é melhor cá. Creia no velho amigo do coração.

Machado de Assis

¹² A análise da correspondência entre Machado e Mário de Alencar como variante da forma diário foi realizada por mim como introdução à leitura do romance *Memorial de Aires*. (Werneck, 1996)

¹³ O biógrafo de Machado de Assis reconstituiu com detalhes o episódio.

Cruzando o olhar com seu correspondente, focaliza-se sobre si mesmo uma atenção vigilante que devolve ao artista a sua pequena humanidade. Muito distante da eternidade que subjogou Prometeu, da eternidade que a alma, tal como definida na fala de Sócrates, vinha garantir, o grego Machado se protege num tempo de curta duração, o dos dias que se seguem, um a um, preenchidos pelas sensações físicas e a preocupação com a saúde. O corpo doente não emite uma fala de revolta, nem guarda para si seus padecimentos (*Falar-te disso é doloroso para mim,/mas calar-me também me causa muitas dores/pois onde estou existe apenas desespero*). (Ésquilo, 1993)

Na correspondência machadiana, a moléstia não é incorporada a um sistema de provações. Fica-se doente no intervalo da espera da saúde, quando, então, se busca alguma forma de fortalecimento para as tarefas das quais, mesmo ao final da vida, não abdica: avançar na maturidade da criação literária e dividi-la com os escritores mais jovens, sem descuidar de, apostando na consolidação da Academia, preparar as provas e as testemunhas de sua posteridade.

RÉSUMÉ

Analyse des lettres de Machado de Assis à Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo, José Veríssimo e Joaquim Nabuco, ayant comme but la description du “discours de soi” (M. Foucault) dans la correspondance machadiene. Les textes choisis démontrent que l’auteur envisage l’art comme un remède contre la souffrance et prend en considération le rôle des amis dans la continuité de l’héritage littéraire.¹⁴

¹⁴ Agradeço à Prof^a Vera Lúcia Reis a tradução de meus textos sobre Machado de Assis, em especial **Mémorial de Aires** de Machado de Assis, publicado em **Nuit Blanche**. Le magazine du livre. Québec: Conseil de Arts et des Lettres du Québec, n. 76, Automne 1999.

Referências bibliográficas

- ASSIS, J. M. Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. Machado de Assis.
- ARANHA, Graça. **Machado de Assis e Joaquim Nabuco**; comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- ESQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Trad. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits IV (1980-1988)**. Paris: Gallimard, 1994.
- GADAMER, Hans-Georg. **El inicio de la filosofia occidental**. Barcelona: Paidós, 1993.
- GOMES, Eugênio. O testamento estético de Machado de Assis. In: ASSIS, J. M. Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 3.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1981. v. 4.
- MEYER, Augusto. **Machado de Assis – 1935-1958**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- MONTELO, Josué. **O Presidente Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.
- VIRGILLO, Carmelo (Org.). **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**; Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.